

Uma (re)leitura contemporânea do imaginário português – as *mezinhas* de Dom Duarte

Mariangela Rios de Oliveira

Sebastião Votre

Kátia Eliane Santos Avelar

Recebido 12, jul. 2007/Aprovado 12, set. 2007

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar e discutir uma proposta de releitura contemporânea do imaginário português, com foco nas tradições culturais, em dois campos específicos: o dos cuidados com a saúde e o da codificação lexical e morfosintática na língua portuguesa. Oferece-se robusto suporte e nova evidência para a hipótese da estabilidade cultural e lingüística, assim como prova empírica de mudança na ética dos cuidados.

Palavras-chave: *Mezinhas. Idade Média, Morfofonêmica. Morfologia derivacional.*

Introdução

Propomos uma releitura da tradição do imaginário português, com foco nos usos lingüísticos, na fitoterapia e no cuidado do corpo, tendo como referência algumas *mezinhas*¹ escritas por Dom Duarte, que foi rei de Portugal na primeira metade do século XV e registrou os saberes de seus conselheiros e seus próprios saberes durante 15 anos (1423 a 1438).

Para os efeitos deste trabalho, *releituras* se assumem como exercícios de análise do conteúdo e reinterpretação, na ótica situada no hoje, de produtos e processos culturais do passado. No nosso caso, do último século da Idade Média. O termo *tradição* é compreendido em seu aspecto metonímico, como abrangendo os diferentes setores da produção cultural da época selecionada. Nosso recorte é o cuidado com as pessoas, compreendidas em seus valores culturais e languageiros, em suas práticas alimentares e terapêuticas. O termo *imaginário social* (DURAND, 1999, 1996), aqui compreendido como equivalente a *representações sociais* (MOSCOVICI, 2003), aponta para a produção de conhecimento do senso comum, atitudes, interpretações e avaliações sobre itens e elementos da cultura que são relevantes para os membros dos grupos sociais que mantêm estreita interação entre si. O termo se tem estendido para abarcar os valores, crenças e atitudes de um estado ou mesmo de uma nação. É neste sentido que falamos do imaginário português sobre a saúde. Poderíamos falar do imaginário desse povo sobre a saudade, as navegações, o sonho do quinto império, o sebastianismo, entre outros enfoques ou outras perspectivas.

Portanto, releituras da tradição medieval via escritos do rei Dom Duarte leva-nos a percorrer a superfície textual escrita desse rei, que recolhe conselhos, recodifica-os, rearruma-os e os reúne aos seus próprios valores e aos valores da família real, com o fim explícito de orientar seus leitores para que alcancem uma vida mais plena, naquele contexto vivencial, da primeira metade do século XV.

Nossa tese, neste trabalho, é que a cultura se produz e reproduz em interação contínua dos indivíduos, se codifica na linguagem que, por sua vez, condiciona e direciona as manifestações culturais da comunidade. Dessa interação interindividual resulta um quadro de referência que se transmite de geração em geração, via oralidade e escrita, em que os saberes se mantêm e se renovam. Em outros termos, na trajetória histórica das manifestações culturais e verbais, é possível a identificação de padrões de continuidade, de variabilidade e de mudança, que nos permitem falar de tradição renovada ou redimensionada, como procuramos fazer no contexto deste artigo, a partir do imaginário português.

¹ Terminologia popular para remédios caseiros; derivação: *medicinas* > *meicinas* > *meizinas* > *mezinhas*.

Do ponto de vista teórico, no campo lingüístico, no subdomínio dos estudos de gramaticalização e de gramática das construções (HOPPER; TRAUGOTT, 2003; OLIVEIRA; VOTRE 2004; VOTRE, 2006)², acolhemos a tese da persistência de alguns traços morfossintáticos e de itens do léxico da saúde, identificadores do imaginário medieval português nos domínios cultural e lingüístico contemporâneos; atestamos, por outro lado, persistência das dificuldades de representação gráfica de segmentos fonológicos similares, sobretudo nos casos de arquivonemas nasais e sibilantes.

No campo sócio-antropológico, fundamo-nos na teoria da estruturação reflexiva, formulada por Anthony Giddens (2002, 2000 e 1995), segundo a qual os indivíduos, reflexivos, agentes, monitoram e organizam seus eventos comunicativos, ajustando-os aos interesses e perspectivas de seus interlocutores, em situação real de comunicação. Esta proposta de Giddens, de ampla aceitação nos ambientes acadêmicos envolvidos com as teorias da modernidade reflexiva, oferece suporte para estudos empíricos em que indivíduos de prestígio, em posição singular, configuram seu mundo circunstancial, interferem nos valores e representações da cultura e no imaginário coletivo. No caso deste estudo, o indivíduo tomado como referência é um rei culto, atento aos anseios e interesses de seu povo, que ouve e registra, cuidadosamente, os conselhos de seus pares e de sábios de seu reino, registra esses conselhos, bem como os que ele próprio formula. Assim, consideramos os textos aqui tratados e seu contexto de produção como modelos de representação, usos exemplares que, via legitimação e prestígio, marcaram e marcam as práticas alimentares e terapêuticas da comunidade de língua portuguesa, além de revelar muito acerca dos usos lingüísticos, em sua tensão entre a mudança, a inovação, e, por outro lado, a estabilização gramatical.

Os resultados do estudo oferecem evidência favorável, também, às postulações de Hanna Arendt (2005), sobre o caráter único da contribuição dos indivíduos na construção e consolidação de cada produto cultural; oferece, de outra parte, suporte à tese de Michel Foucault (2004, 2005), sobre a tecnologia política dos indivíduos.

Por fim, o trabalho representa uma evidência da postulação de Bakhtin (1988), sobre a mudança semântica e a presença da ideologia nas manifestações dos valores da cultura.

Para os objetivos aqui traçados, selecionamos fragmentos de receitas em que se nomeiam algumas das plantas fitoterápicas e os usos das mesmas. Nesses fragmentos identificamos, em seus traços básicos, a morfofonêmica, a sintaxe e a morfologia derivacional do século XV. Detemo-nos nos aspectos reveladores de traços de estabilidade e de continuidade nas práticas discursivas e culturais registradas, destacando, para além das

² Procuramos referir os autores pelas edições mais recentes.

trajetórias de mudança e de marcas de variabilidade, evidências de persistência nas práticas referidas, que nos permitem identificar uma mesma língua e universo cultural cunhados, pelo menos, há cinco séculos no imaginário português.

O imaginário português

Destacamos dois aspectos do imaginário português que até hoje permanecem na nossa cultura: o da estabilidade lingüística e o das crenças e valores associados às plantas medicinais, cuja procedência encontra-se documentada no período arcaico da língua e que se pode concluir a partir da análise crônicas e relatos sobre mitos e ritos da cultura lusitana.

Consideramos que as *releituras da tradição* favorecem o trabalho, no contexto acadêmico universitário, com textos (ou fragmentos deles) fundantes da nossa cultura, que correspondem ao final da Idade Média. A grafia desses textos é fonte preciosa para a compreensão do sistema fonológico da língua e das tentativas de sistematização, antes da existência de normas oficiais de ortografia. Aspectos relevantes do léxico e da morfossintaxe registrados nessas fontes apontam padrões em uso no português contemporâneo, o que permite classificar os textos de Dom Duarte como legítimas produções portuguesas.

Ademais, observamos que o poder das plantas na tradição medieval européia se atesta nesses textos de Dom Duarte sobre medicina e farmacopéia, com ênfase para aqueles relacionados à produção de mezinhas para as mais variadas doenças, a exemplo de peste, dores nos olhos, dores no estômago, diarreia, dores de dentes, gota, ciática, febres, doenças resultantes do parto. O autor fornece conselhos práticos sobre como conservar a saúde e apresentar bom aspecto, nos quais se manifesta o imaginário português, em que se incluem a superstição e as crenças populares.

Mudança e estabilidade

As línguas e as culturas mudam em uns aspectos, variam em outros e no geral tendem a conservar-se, não por inércia, mas, no quadro teórico deste trabalho, por ação e reação de agentes autônomos, reflexivos, dotados de vontade, valores e crenças, que procuram manter o legado dos antepassados, no que lhes parece relevante.

Nesse contexto, mostramos em alguns fragmentos do texto de Dom Duarte, em confronto com textualizações atuais, como se mantém o tripé da cultura, dos usos lingüísticos e das suas representações. Sobre um cerne que se mantém, uma parte varia e outra muda.

Na abordagem funcionalista da linguagem, o cotejo de usos antigos ou arcaicos com outros correspondentes contemporâneos tende a investigar, precipuamente, trajetórias de mu-

dança categorial, ou gramaticalização, e derivações de sentido, ou polissemia. Tal investigação assenta-se, respectivamente, na tese de que há um *continuum* unidirecional através do qual as categorias migram do léxico para a gramática ou de um *status* menos para um mais gramatical, e na de que o processo de abstratização, motivado por maior frequência de uso ou fatores de ordem cognitiva ou pragmático-discursiva, leva os sentidos mais concretos, como o espacial, a serem usados para a codificação de domínios mais abstratos, como o temporal e o textual. A clássica teoria localista, conforme se encontra em Batoréo (2000), é um típico exemplo dessa concepção.

Assim, durante décadas, as pesquisas funcionalistas se detiveram no levantamento de fenômenos que tentavam comprovar a mudança ou evidências de processo de mudança nas línguas. Por outro lado, recentes trabalhos com base em *corpora* latino e português, de distintas sincronias, numa perspectiva pancrônica³, têm mostrado que, ao lado da derivação semântica e categorial, há muito de estabilização, de usos que se mantêm, em alguns casos, como aponta Ferreira (2000, 2003), pelo menos desde o século II a.C, em que a autora atesta o emprego modal do verbo *poder* em peças de Plauto. Outros trabalhos, como os de Oliveira (2000), Votre (1999), Rodrigues (2002) e Sousa (2007)⁴, na mesma linha, confirmam padrões de sentido e de forma mais estáveis na trajetória do português. Esses achados fizeram com que, na fase atual da pesquisa de orientação funcionalista, sejam considerados ou integrados à análise usos mais regulares.

Para dar conta dessa reorientação teórico-metodológica, Votre (2006) tem desenvolvido o *princípio de extensão imagética instantânea*, complementar à gramaticalização, em que, num viés desvinculado da dimensão unidirecional ou temporal, trata os usos lingüísticos, e sua derivação de sentido e de forma, em função dos contextos pragmático-discursivos e das pressões cognitivas em ação no momento dessas ocorrências. Como tais pressões não se relacionam especificamente a um marco temporal, mas à esfera situada e contingenciada das interações humanas, linhas unidirecionais clássicas do tipo *léxico > gramática* ou *espaço > tempo > texto*, por exemplo, não são relevantes ou condição necessária para a análise interpretativa das práticas languageiras. Assim compreendidos, usos mais sistemáticos e contínuos de conteúdo e de expressão, como os textos de Dom Duarte, podem ser interpretados como representações que revelam equilíbrio e estabilidade.

Regimentos e mezinhas de Dom Duarte

A seguir, apresentamos os textos utilizados para análise. Escolhemos um conselho/regimento e duas mezinhas de Dom Duarte para ilustrar os cuidados com a saúde no seu tempo. Tanto o regimento como as receitas são específicas para males

³ A pancronia diz respeito à conjugação das abordagens sincrônica e diacrônica, rompendo a clássica dicotomia com que as duas vertentes são, em geral, tratadas, em prol da observação de padrões de regularidade ou irregularidade num viés translingüístico ou numa mesma língua.

⁴ Nesses estudos, os autores atestam estabilidade, pelo menos desde o período arcaico da língua, nos usos de *onde* (OLIVEIRA, 2000), de verbos cognitivos (VOTRE, 1999), de *agora* (RODRIGUES, 2002) e da complementação oracional introduzida por *se* (SOUSA, 2007).

que afligiam os seus súditos de então e que continuam a afligir os cidadãos de hoje. O primeiro é um documento datável de 1433-1438, intitulado *Regimento pera termos boa compleição* (p. 268):

- (1) Regimento que o homem deve de ter pera auer em pouco tempo boa lena, e he este o qual deu a el rey noso senhor mossem Joam marsala e lhe dise que o ouuera do seniscal de frança.

Primeiramente leuante se bem cedo pola manhã, e tome h~ua onça d açúcar rosado e destempere a com agoa frya e beba a em Jejum. Ao Jantar coma continoadamente ujanda asada e pouca potaJem, e coyma sempre carne de carneiro asada ou outras boas carnes asadas, de pena, e guarde se de comer muyto pão e asy de sal e de salsas e beba pouco ao Jantar e non beba de dia senão da água sobre dita se neçesidade ouver e guarde sse de dormyr de dia.

Aa çea coma pouco de boas viandas asadas e depois que ouvver comydo asy a çea como ao Jantar coma huma fatya de pão torrada sem beber, e quando se lançar a noite na cama beba da dita agoa çuquarada se for uerão, e se for Jnuerno coma huma talhada de pão torrada e molhe a em ujnho branco e entom tome huma toalha e cubra bem o rostro e asy Jaça toda a noite non embargando que o começo seja forte, e o dia seguynte ande com o capelo bem abafado e traga calças e botas bem grosas e bem ataçadas e enton ande de pe este pouco asentado, e se esto fizer avera brevemente boa lena.

Qada quatro ou cinco dias coma huma vez quando poder, e cabo d hum pouco tome hum traguio d agoa morna e destempere a mea onça d açafra e deite lhe hum pouco d azeite ou mel e entam beba a e loguo lançara quantos maos humores tiuer no estomaguio, e laue loguo a boca com agoa çucarada sobre dita.

A seguir, transcrevemos na íntegra duas mezinhas para gota, que selecionamos por serem breves:

- (2) Mezinha pera giolho jnçhado de gota ou ciática

Jngoento agripa e Jngoento tostinho, e olio costum e olio de macela, mesturando os olios a sua parte, e os jngoentos sobre sy e poer os olios quentes e em cima os jngoentos.

- (3) Mezinha pera gota e maçamento

Pera a gota gomos de mieyro estilado e aquela agoa quente com panos huns trás os outros onde mitigua a dor. Pera o maçamento agoa fria continuada dous ou tres dias preserva da postema e mitiga a dor.

Análise do regimento e das mezinhas

De ponto de vista dos cuidados com a saúde, mantém-se parte do que se propõe no regimento e se preserva integralmente a receita presente nas mezinhas.

Os três parágrafos do regimento ilustram bem as características de estabilidade, variabilidade e mudança na releitura da tradição. Enquanto os dois primeiros se mantêm válidos, aceitos e recomendados hoje, com pequena variação, para quem quer manter boa compleição, o terceiro parágrafo mostra hábitos e costumes que eram aceitos na França, de onde veio o conselho, e que o rei houve por bem divulgar para seu povo. O que aqui se propõe pertence atualmente ao campo semântico de bulimia/anorexia. Hoje, se por um lado reconhecemos a presença da bulimia, associada a hiperfagia, como aumento *anormal* do apetite, e a preocupação de comer sem o risco de engordar, temos consenso em que se trata de uma prática nociva ao organismo, que prejudica o trato, provoca úlceras, pelo efeito negativo dos ácidos gástricos. Podemos falar, portanto, em preservação e mudança da tradição. É inconcebível, hoje, aconselhar a bulimia do ponto de vista ético e responsivo.

Quanto às mezinhas, o tratamento tópico com emplastos, com o uso de água gelada ou quente, continua a ter recomendação, nem sempre consensual, mas com defesa bem argumentada para cada alternativa. Quem não recomenda gelo para prevenir a inflamação, aliviar a dor, retirar o sofrimento? Enfaixamos a parte ferida, protegemo-la do vento, do sol, do contato com a poeira, com os insetos, com a água e com a terra.

A análise dos textos escritos pelo rei permite identificar alguns casos de morfofonêmica, com os metaplasmos mais recorrentes, que não impedem a compreensão do sentido dos textos, como ausência da letra *m* (*asy*), duplicação da vogal (*aa regra*), indefinição entre *-am* e *-ao* (*esto fação*), crase de *-ee* para *e* (*podes entender*), verbo pôr na forma *-oer* (*poer*), anteposição de *-r-* (*detrimyna*), anteposição de *-i-* (*contrayro*), uso de *porende*.

O registro de variabilidade na grafia é apenas ilustrativo, como em *cousas* e *coussas*, *façam* e *facão*. A produtividade de alguns morfemas derivacionais muda, no curso do tempo, conforme se mostra, no registro de morfemas derivacionais presentes no texto arcaico (*comunalmente*, *eruanço*, *candy*, *sobegidom*) em confronto com os morfemas que ocorrem no quadro derivacional contemporâneo.

Do ponto de vista discursivo, os textos de Dom Duarte são representantes legítimos e atuais do gênero *relato de procedimento*, constituídos por seqüências tipológicas (MARCUSCHI, 2002) basicamente do tipo injuntivo ou expositivo. Portanto, trata-se de arranjos muito similares aos dos dias atuais, quando, em interação lingüística extremamente ritualizada e freqüente, trocamos

receitas ou ensinamos práticas para cuidados de beleza e saúde. Alguns usos lingüísticos evidenciam esse fazer textual estável, como o advérbio *primeiramente*, que abre (1), além das ocorrências de *entom/n*, também em (1), da preposição *pera*, do uso reiterado do conector *e*, bem como de formas verbais imperativas (*coyma, levante se, cubra, ande* etc), entre outros. Tais usos são responsáveis pela articulação da seqüencialidade característica desse tipo de texto, estratégia gramatical⁵ em relatos de procedimento.

Em termos morfossintáticos mais estritos, ao lado de algumas evidências de mudança e variação, encontramos usos mais estáveis, em consonância com os praticados no português contemporâneo, como: a ordenação dos advérbios de modo e intensidade⁶ – pospostos a verbo (*levante se bem cedo; cubra bem; coma continoadamente; comer muyto pão; beba/coma pouco*) e antepostos a adjetivo (*botas bem grosas e bem ataquadas; capelo bem abafado*); as expressões temporais em torno do infinitivo (*ao jantar; quando se lançar a noite*).

Também por conta de se tratar de receitas, e não por motivação temporal, os sentidos articulados são basicamente concretos. Há uma profusão de termos relativos ao campo da alimentação, da botânica, além de verbos que expressam o fazer, questão central nesse tipo de texto.

Não vamos proceder aqui a uma listagem exaustiva das plantas, suas propriedades e técnicas de preparo, que se podem deprender e inferir do Livro dos Conselhos. Antes, nos limitamos a registro de algumas das plantas nomeadas por Dom Duarte (e suas propriedades) e identificação das mesmas com termos atuais, com menção das dificuldades e perspectivas de identificação das plantas.

Uma listagem das principais plantas, processos e propriedades, citadas nas mezinhas de Dom Duarte, inclui: açafran, agripa, almecega, amora, anacardo (cajueiro), asphodelus, avicena, azebre (sumo ou suco de qualquer planta), barbasco, canafrecha, costo (raiz aromática), dialtea, erva ruberte, escabiosa, eufórbio, funcho, lentisco, linho, loureiro, macela (marcela galega), marmelo, mostarda, murta, noz gradiorem (noz moscada), alho porro (poró), tormentila, tostinho, verde gris (provavelmente, cogumelo).

Atualidade dos conselhos do Rei

A leitura das mezinhas, com menções de sumos, sucos, pós, infusões e unguentos, mostra que se conservou a tradição. A listagem dos procedimentos, lá e cá, inclui: infusão, decocção, maceração, suco, sumo, xarope, inalação, gargarejo, compressa, cataplasma e banho.

Junto a alunos universitários, fizemos um breve levantamento de mezinhas caseiras e verificamos, a partir da consulta feita a suas famílias, qual o uso que fazem das plantas medici-

⁵ De acordo com a concepção funcional que assumimos (FURTADO DA CUNHA et al., 2003), entendemos gramática como o conjunto de usos consagrados e relativamente estabilizados no trato social, assim, os arranjos sistemáticos e convencionais por meio dos quais produzimos textos também são entendidos como gramaticais.

⁶ No Brasil, os padrões de ordenação dos advérbios de modo e de intensidade têm sido estudados de modo mais específico por Martelotta (2006).

nais, quais plantas estão envolvidas e como se fazem as receitas, com vistas a favorecer a comparação com as receitas de Dom Duarte.

Eis as principais plantas mencionadas e seus processos de preparação: chá de pitanga, chá de semente de romã, gargarejo de romã, chá de boldo, infusão de carqueja, raiz de catuaba e cipó cravo, chá de louro com casca de cebola, chá de capim limão, chá de erva-doce, chá de erva cidreira, chá de alface, de dente de leão, de folha de goiabeira, de capim-limão, de broto de folha de caju, de folha de laranjeira, de guaco, de poejo ou menta, de broto de pinheiro, maceração de ameixas, de flores de colônia, de caroço de abacate, de arnica de campo, eucalipto e cânfora, impregnação de cuia de castanha do pará.

Assim como nos conselhos do Rei Dom Duarte, nos dias atuais, há uma grande preocupação por parte das autoridades médicas com a saúde da população. Isso se deve principalmente ao crescente aumento de doenças diretamente ligadas aos hábitos alimentares. Como campeã nos problemas relacionados à má alimentação está a obesidade, uma vez que esta é condição predisponente para o aumento do risco de morbidade para doenças crônicas como hipertensão, dislipidemia, diabetes, doença coronariana, alguns tipos de câncer e colecistite.

É consenso em todos os manuais para uma vida saudável, como os manuais de nutrição da OMS⁷ e outros tratados de medicina, que só é possível atingir uma condição de vida saudável a partir de hábitos alimentares adequados. Diante dessa preocupação, são várias as recomendações para mudanças alimentares e, também, no estilo de vida, na busca de melhores condições de saúde.

Em um trabalho recente, publicado por pesquisadores da área de nutrição, foram propostas dez recomendações para a garantia de uma vida saudável, que são listadas a seguir: 1) Consuma alimentos variados, em 4 refeições ao dia. 2) Mantenha um peso saudável e evite ganhar peso após os 20 anos. 3) Faça atividade física todos os dias. Inclua na sua rotina andar a pé, subir escada, jogar bola, dançar, passear e outras atividades. Evite o excesso de álcool e o fumo. 4) Coma arroz e feijão todos os dias, acompanhados de legumes e vegetais folhosos; 5) Coma quatro ou cinco porções de frutas, todos os dias, na forma natural; 6) Reduza o açúcar. Evite tomar refrigerantes. 7) Para lanches coma frutas ao invés de biscoitos, bolos e salgadinhos; 8) Coma pouco sal. Evite alimentos enlatados e produtos como salame, mortadela e presunto, que contêm muito sal. Evite adicionar sal à comida já preparada. Aumente o uso de alho, salsinha e cebolinha. Alimentos ingeridos na sua forma natural como feijão, arroz, frutas, grãos e verduras têm pouquíssimo sal; 9) Use óleos e azeite no preparo de bolos, tortas e refeições; 10) Tome leite e

⁷ Cf. Doenças-crônicas degenerativas e obesidade: estratégia mundial sobre alimentação saudável, atividade física e saúde. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde 2003. 60p.

coma produtos lácteos com baixo teor de gordura, pelo menos três vezes por dia (SICHIERI et al., 2000).

Os conselhos do rei Dom Duarte para uma vida saudável podem, em sua absoluta maioria, ser comparados às recomendações atuais. Podemos parafrasear seus regimentos como voltados para o desenvolvimento sustentável da saúde, para a conservação dos alimentos e para o cultivo dos cereais e das ervas necessárias às mezinhas e ao preparo dos alimentos saudáveis.

A obra, síntese dos saberes compilados por um rei culto e piedoso, é registro precioso do imaginário de um povo, de suas preocupações, crenças, valores e atitudes, ações guerreiras, disputas territoriais e alianças com outros reinos. Pela riqueza de detalhes com que aborda cada tema importante do cotidiano da corte, é fonte primária para uma releitura das mentalidades no ocidente da península ibérica. É fonte única também para o conhecimento do imaginário letrado da época quanto ao modo de ler convenientemente, de interpretar os textos (sagrados), aos cuidados e critérios que se deve ter ao traduzir do latim para o português (tornar em lingoagem), ditado per latym e lingoagem d el rey pera outros príncipes e senhores e, por fim, lyuros que el rey tinha asy de latim como lingoagem, que merecem um estudo de releitura da comunicação escrita na primeira metade do século XV.

Considerações finais

A tradição se mantém e se revigora. As plantas medicinais voltam a figurar entre os ingredientes do mundo contemporâneo, tanto nos países do primeiro mundo quanto nas nações emergentes. A volta à natureza, a valorização dos produtos de origem vegetal, os sucos de clorofila e de todas as frutas, a volta aos hortigranjeiros, o culto aos produtos orgânicos, tudo aponta, a nosso ver, para uma releitura da tradição, para um resgate dos valores, saberes e sabores dos tempos antigos.

A hipótese da continuidade da língua e da cultura se reafirma e se robustece. Convive-se, assim, com o novo e com o tradicional. Com o antigo e com o moderno, quase sempre em sintonia, por vezes com reformulação, rejeição ou reprovação do passado. Num certo sentido, reinventamos as tradições, com mais ingredientes conservados do que costumamos imaginar. As imagens que nos povoam a mente, e que configuram nosso imaginário, fortemente ressonam o imaginário português medieval.

Abstract

The aim of this article is to present and discuss a proposal of contemporary reading of the Portuguese Imaginary, with focus on cultural traditions, in

two specific fields: of health care linguistic codification of the Portuguese language, at the lexical and morphosyntactic levels. Solid support and new evidence are offered, favoring the hypothesis of cultural and linguistic stability, as well as empirical proof supporting change in the ethics of care.

Keywords: Medicines. Middle Age. Morphophonemics. Derivational morphology.

Referências

- ARENDDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- BATORÉO, H. *Expressão do espaço no português europeu*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2000.
- DURAND, G. *Champs de l'imaginaire*. Grenoble: Ellug, 1996.
- _____. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.
- FERREIRA, L. *A estabilidade semântico-sintática do modal "poder": evidências em três sincronias*. Tese (Doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2000.
- _____. Estabilidade e continuidade semântica e sintática. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. et al. (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2003. p. 73-87.
- FOUCAULT, M. *Ditos e escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- _____. *Ditos e escritos V: Foucault – ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. et al. (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2003.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.
- GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: UNESP, 1995.

- GIDDENS, A.; PIERSON, C. *Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- HOPPER, P. J; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. et al. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.
- MARTELOTTA, M. E. Ordenação dos advérbios qualitativos em *_mente* no português escrito no Brasil nos séculos XVIII e XIX. *Gragoatá*, Niterói, n. 21, p. 11-26, 2006.
- MOSCOVICI, S. *Representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- OLIVEIRA, L. A trajetória de gramaticalização do “onde”. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). *Procedimentos discursivos na fala do Natal: uma abordagem funcionalista*. Natal: Ed. da UFRN, 2000. p. 171-211.
- OLIVEIRA, M. R.; VOTRE, S. Estratégias discursivas e gramaticais do uso da adjetiva. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, n. 26, p. 111-129, 2004.
- RODRIGUES, F. *Prototipicidade e funcionalidade do termo “agora”*. 2002. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.
- SICHIERI, R. et al. Recomendações de alimentação e nutrição saudável para a população brasileira. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia*, São Paulo, n. 44-43, p. 227-32, 2000.
- SOUSA, C. *Gramaticalização das construções com orações completivas: o caso do complemento oracional introduzido por “se”*. 2007. Tese (Doutorado)-Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.
- VOTRE, S. *Cognitive verbs in Portuguese and Latin: unidirectionality revisited*. Santa Bárbara: Universidade da Califórnia, 1999.
- _____. O princípio da extensão imagética, uma nova ótica para a estabilidade lingüística. In: GORSKI, E.; COELHO, I. (Org.). *Sociolingüística e ensino*. Santa Catarina: Ed. da UFSC, 2006. p. 135-154.